

## DIZERES QUE DESLIZAM: UMA ABORDAGEM DISCURSIVA SOBRE O BAIRRO

Diane Mageste dos Santos  
Mestrado/UFF  
Orientadora: Silmara Dela Silva

Esta pesquisa propõe compreender como o bairro é significado discursivamente, busca pensar o funcionamento da relação entre sujeitos e espaço urbano, além de analisar como funciona o imaginário sobre essa organização que se constitui no dizer em circulação no telejornal. Assim como em Orlandi (2004), que ao pensar a cidade através do discurso supõe uma “localização territorial”, em que o corpo dos sujeitos e o corpo da cidade estão atados, o destino de um não se separa do destino do outro, cidade e sujeito formam um, pensamos o bairro como território urbano em que vidas se aglomeram, se concentram, dividem suas ideias e suas práticas heterogêneas.

É no espaço urbano que se cruzam as determinações as quais constituem um sujeito, um espaço. Toda mudança, toda transformação que acontece em um pode refletir em outro, o que faz com que processos de transformação de infraestrutura e/ou a falta desses processos interfiram no sujeito e, ao mesmo tempo, na forma como ele produz sentidos e se identifica, significando também seu território.

A fundamentação teórico-metodológica adotada é a Análise do Discurso de linha francesa, para a qual é substancial que o analista interrogue a própria interpretação através de “pontos de deriva possíveis” em que sentidos se colocam em disputa. Conforme M. Pêcheux (2002, p. 53) “toda descrição está exposta ao equívoco da língua: todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”. Esse funcionamento da linguagem, consoante Orlandi (1999, p. 34), “se assenta na tensão entre processos parafrásticos e processos polissêmicos”, entre o mesmo e o diferente, explicitando um jogo simbolizado pelas relações de poder que atestam um confronto entre o simbólico e o político.

---

Dessa perspectiva teórica, entende-se que sentidos vão se constituindo e sendo inscritos historicamente, logo a memória discursiva é acionada podendo retomar sentidos e, ao mesmo tempo, derivar para sentidos outros; efeito desse jogo próprio da língua os quais se inscrevem na materialidade da história. Há, pois, um jogo sobre as regras da língua (RIBEIRO, 2016) o qual faz referência ao que escapa ao sujeito. Esse jogo caracteriza um resto irrepresentável que, todavia, não deixa de produzir sentidos. O jogo habita o discurso ao passo que se constitui na fronteira entre os ditos e os não-ditos os quais estão, impreterivelmente, costurados historicamente.

Dessa forma, considera-se o equívoco como constitutivo da língua, bem como as relações de paráfrase e polissemia, tais como propostos pela análise de discurso. Apresenta-se, então, o funcionamento do efeito metafórico de “bairro” para “comunidade”, pensando o modo como os efeitos de sentidos para o bairro deslizam de um local esquecido onde sofredores que pagam impostos reclamam por direitos em prol da comunidade carente de serviços para um local entregue à criminalidade. Verifica-se que o que já foi dito sobre bairro e sobre comunidade em diferentes condições de circulação significa, trazendo uma memória que funciona no corpus. Ao se dizer comunidade, não se diz *favela*, por exemplo, outro dizer que comparece e produz efeitos de sentidos na discursividade sobre o bairro que aqui analisamos.

Isso se justifica com a constituição do corpus de análise o qual se deu a partir da seleção de duas reportagens jornalísticas que circularam na mídia em 2015 falando sobre Jardim Catarina, bairro localizado na cidade de São Gonçalo – RJ. Uma delas funciona como cobradora de melhorias: a jornalista vai até o “**bairro** onde os moradores sofrem sempre que precisam sair de casa”<sup>1</sup>. A outra tem por objetivo informar o cidadão sobre uma operação policial no bairro<sup>2</sup>.

Diante de tal configuração, trazemos para este evento uma reportagem jornalística acrescentada à proposta de Mestrado que circulou no jornal O Fluminense, também no ano de 2015<sup>3</sup>. Essa reportagem fala sobre a troca de placas de sinalização no começo do bairro Caramujo, deixando de apontá-lo como rota de acesso ao bairro Pendotiba, ambos localizados na cidade de Niterói. Na chamada jornalística dizia: “Caramujo: bairro vira comunidade” e a sequência discursiva que aqui destacamos é a seguinte:

---

<sup>1</sup> <https://globoplay.globo.com/v/2465891/>

<sup>2</sup> <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/03/secretaria-de-seguranca-faz-operacao-com-250-agentes-em-sao-goncalo-rj.html>

<sup>3</sup> <http://www.ofluminense.com.br/pt-br/cidades/caramujo-bairro-vira-comunidade>

SD1 - “A troca de uma placa de sinalização às margens da Rodovia RJ-104 (Amaral Peixoto) que indica o acesso ao Caramujo deixou constrangidos moradores do bairro. Na placa, onde antes se lia “Caramujo Pendotiba”, agora se vê “Comunidade do Caramujo”. O presidente do Conselho Comunitário de Segurança de Niterói (CCSN), Moacyr Chagas, que diz não ter sido consultado sobre a mudança, afirma que além de reduzir o status do bairro a medida ainda deixa de indicá-lo como rota de acesso à Pendotiba. A troca das placas, que foi notada na manhã desta sexta-feira (30) pelos moradores, estaria sugerindo, segundo Chagas, que o local é perigoso e deve ser evitado. Questionados, Prefeitura e Governo do Estado não assumem a responsabilidade pela mudança”. (REPORTAGEM Anderson Justino, 31/10/2015, Jornal O Fluminense).



Placa de sinalização antes de ser trocada. Foto: Douglas Macedo. Data: 09/10/2015 Arquivo Jornal O Fluminense.



Placa de sinalização trocada. Foto: André Redlich, 31/10/2015, Jornal O Fluminense.

---

Diante do exposto, nossas análises voltam-se a pensar o efeito metafórico (PÊCHEUX, [69] 2014) de “bairro” para “comunidade” como possibilidade de produção de efeitos de sentidos, como já dissemos. As palavras significam diferentemente de acordo com a posição em que o sujeito ocupa em uma formação discursiva dada (PÊCHEUX, [1976] 2014). Dessa maneira, deve-se considerar que o sentido não está nas palavras, mas sim nas relações entre a língua e a história. Verifica-se, ainda, a relação contraditória entre o mesmo e o diferente, entre o já-dito, o não-dito e o a se dizer como eixo estruturante, até mesmo porque todo enunciado é suscetível de se deslocar, de tornar-se outro. (PÊCHEUX, 2002).

Para dar seguimento a esta proposta de trabalho, mobilizamos autores que tratam do espaço urbano, além de pesquisadores os quais trabalham as noções de designação e de paráfrase e polissemia. Além disso, buscamos mobilizar noções do discurso jornalístico e dos dizeres sobre. Zoppi-Fontana (1999) mostra que a designação e o objeto a que faz referência são produzidos ao mesmo tempo como efeito de evidência. Esse objeto de referência é fixado pelas designações que se relacionam a outras dentro de um processo de relações parafrásticas.

A autora afirma que há diversos enunciados os quais se organizam como saberes especializados e intervêm de modo dominante. Do mesmo modo, legitimam alguns gestos de interpretação que são responsáveis por um dado *sensu comum* que se articula na configuração da cidade e na sua relação com o sujeito. Assim, essa evidência do *sensu comum* é construída por meio da produção/reprodução de imagens da/sobre a cidade as quais são produzidas pela mídia.

Dessa forma, a cidade faz referência não a um domínio empírico, mas a um domínio de interpretação “que permite ao sujeito se situar no mundo”, conforme Zoppi-Fontana (1999). A pesquisadora traz, ainda, uma citação de Guimarães afirmando que os processos de designações são caracterizados por relações semânticas instáveis produzidas pelo cruzamento de diferentes posições-sujeito, a partir de então, há a instalação de um sentido ao mesmo tempo em que apaga “outros possíveis/dizíveis” (GUIMARÃES, 1995). Nesse sentido, afirma Zoppi (1999, p. 214) que “o nome revela as fronteiras internas da cidade, projetando seu cone de silêncio sobre os nomes que não podem ser ditos”.

Cabe a problematização do modo como o discurso jornalístico produz sentido concomitante à produção de memória. Nesse sentido, Mariani (1999) mostra em seu

---

percurso de análise do discurso jornalístico que as leituras do mundo feitas pela imprensa não são ingênuas, neutras e, muito menos, desinteressadas. Lá circulam interesses ideológicos e econômicos do jornal, do repórter e também dos leitores. Além disso, há forças políticas em confronto no momento histórico em que o acontecimento é divulgado o que contribui na constituição dos sentidos produzidos por essas notícias.

A autora traz ainda, a observação da fotografia como organização de um flagrante ou, como diz Barthes (1984 apud Mariani, 1999, p. 103), “um certificado de presença que traz colado em si seu referente”. Ainda que produza a ilusão de que aquilo que se vê corresponde ao fato empírico, “o que se vê numa foto são realidades organizadas por um discurso com uma ordem própria” (MARIANI, 1999, p. 103). De acordo com esse ponto de vista, um fotógrafo não capta o real em sua totalidade, mas reconfigura o que foi visto, dito isto, corrobora-se que as fronteiras de tal reconfiguração são fornecidas pela história.

Portanto, um olhar nunca é imparcial, a fotografia, por sua vez, parece capturar uma cena, mas na verdade, está produzindo sentidos para ela. Ainda conforme Mariani (1999), não são todos os acontecimentos que são transformados em fatos, muitos, nem mesmo conseguem ganhar espaço tornando-se públicos, o que se inscreve nos jornais são interpretações construídas historicamente em uma determinada formação social onde veiculam tendências dominantes.

Nessa mesma lógica, Indursky (1999) trabalha a noção de designação na narrativa jornalística e percebe algumas formas de identificação que não apresentam uma regularidade. Por vezes, as designações não são apresentadas como sendo diferentes, mas tomadas por relações de substituição, essas relações são entendidas por Pêcheux como um processo de metáfora (*methaphora*). A autora afirma que o discurso jornalístico é um *discurso sobre* que só pode ser inscrito em uma formação discursiva se for heterogêneo, o que permite a veiculação de diferentes vozes, ou seja, a polifonia.

O que se verifica na pesquisa de Indursky (1999, p. 183) é que a posição-sujeito do discurso jornalístico abordado é “uma indubitável identificação de sua linha editorial com a posição-sujeito dos latifundiários”. Dessa forma, há um duplo movimento de identificação/desidentificação que aponta para uma direção de sentido e não para outra, mostrando que há um posicionamento por parte da imprensa. Questiona-se, por isso, seu efeito de neutralidade. Embora haja uma abertura para a polifonia, esse efeito de neutralização imprime um direcionamento em detrimento de outro. Além

---

disso, os sentidos da formação discursiva política dominante se instalam e se disseminam com maior facilidade porque não há espaço para confrontos, réplicas ou polêmicas, conforme verifica Mariani (1998).

Diante de tal perspectiva, o discurso jornalístico é considerado uma modalidade de *discurso sobre* no qual torna objeto aquilo sobre o que se fala. Assim, há um efeito de distanciamento, projetando, como já vimos, a imagem do jornalista como imparcial. Conforme Mariani (1998), os *discursos sobre* atuam na institucionalização social dos sentidos, isto é, produz um efeito de linearidade e homogeneidade da memória. Esses discursos, geralmente, representam lugares de autoridade que transmitem algum tipo de conhecimento na medida em que estabelece uma relação com saberes que são reconhecidos pelo interlocutor.

Em nosso caso, os sentidos para bairro vão se somando e se filiando num processo invisível de cristalização. Por conseguinte, considera-se que, na imprensa, a forma de denominar, descrever e narrar é regulado historicamente e resulta de uma memória vinculada ao dizer jornalístico. Observa-se, portanto, que as placas colocadas no espaço público produzem efeitos de sentidos para os sujeitos que lá se encontram, enquanto constroem gestos de interpretação para o espaço urbano e suas práticas.

Nesse contexto, intervenções públicas apontam para novas imagens da cidade e dos sujeitos, conforme Nunes (2006). O autor afirma que placas alocadas em território urbano redirecionam sentidos os quais compõem novas formas de inclusão/exclusão. Como mostra Nunes, “o discurso da administração pública procura controlar os sentidos, posicionando placas com dizeres que tomam por objeto as práticas subjetivas no espaço dos cruzamentos”. No entanto, o que se percebe, em nosso corpus sobre o bairro, é um silenciamento no que tange à autoria de alocação da placa por parte da administração pública municipal e estadual.

De mais a mais, nota-se que a placa é direcionada para quem está fora do bairro, virada para o lado da rua em que fica de frente para os automóveis que vêm em mão única, isso nos permite afirmar que o público-leitor são os motoristas já que também é uma placa de sinalização. Diante do exposto, a troca da placa direcionada aos motoristas permite um gesto de identificação dos sujeitos pela escrita o que leva à reflexão de formas de subjetivação as quais estão em discussão. Consoante Nunes (2006), o direcionamento dos escritos urbanos para os sujeitos aponta uma impessoalidade do



---

discurso público que conduz a uma determinada politização do espaço gerando sentidos múltiplos os quais buscamos compreender na presente análise sobre o bairro.

## Referências

GUIMARÃES, E. *Os limites do sentido*. Campinas, Pontes, 1995.

INDURSKY, Freda De ocupação a invasão: efeitos de sentido no discurso do/sobre o MST. In: INDURSKY, Freda & FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999, p.173 a 186.

MARIANI, Bethânia Sampaio Corrêa. Sobre um percurso de análise do discurso jornalístico – a Revolução de 30. In: INDURSKY, Freda & FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999, p.102 a 121.

MARIANI, Bethânia Sampaio Corrêa O discurso jornalístico sobre e seu funcionamento. In: Mariani, Bethania *O PCB e a Imprensa Os comunistas no imaginário dos jornais*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas – SP. UNICAMP, 1998.

NUNES, José Horta *Escrita e subjetivação na cidade*. In: A escrita e os escritos: Reflexões em análise do discurso e em psicanálise. Organizado por Bethania Mariani. São Carlos, 2006.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: Princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni Cidade e sentido. In: Orlandi, Eni *Cidade dos Sentidos*. Campinas – SP. Pontes, 2004.

PÊCHEUX, Michel *O Discurso: Estrutura ou acontecimento*. Tradução por Eni Orlandi. 7ª edição. Campinas – SP, Pontes Editores, 2002.

PÊCHEUX, Michel. FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In.: GADET, Françoise. HAK, Tony. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethania Mariani. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014.

RIBEIRO, Thales de Medeiros. *Jogo nas regras, jogo sobre as regras: real da língua e jogo na obra de Michel Pêcheux*. 2016. 124f. Dissertação (Mestrado). Instituto de estudos de linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2016.

---

Zoppi-Fontana, Mônica É o nome que faz a fronteira. In: INDURSKY, Freda & FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999, p.202 a 215.

IMAGEM 1- Foto: Douglas Macedo. Data: 09/10/2015 Arquivo Jornal O Fluminense. Página eletrônica: <http://www.ofluminense.com.br/pt-br/cidades/tinen%C3%A9m-busca-novo-esconderijo>

IMAGEM 2- Foto: André Redlich, 31/10/2015, Jornal O Fluminense. Página eletrônica: <http://www.ofluminense.com.br/pt-br/cidades/caramujo-bairro-vira-comunidade>